

O ESTRESSE NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM ASSOCIADO AO EXCESSO DE JORNADA DE TRABALHO.

STRESS ASSOCIATED TO WORK DAY EXCESS IN NURSING PROFESSIONALS.

¹OLIVEIRA, Juliana Garcia; ²FRANCISCO, Odair

¹Discente do Curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

²Professor Orientador - Curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

O estresse consiste em um fator responsável por alterar a saúde e o bem-estar dos profissionais de enfermagem e conseqüentemente, gera um déficit na qualidade da assistência prestada, assim como representa uma enorme preocupação na área da saúde ocupacional. Muitos são os fatores contribuintes para o estresse nos profissionais de enfermagem, como a relação diária com pacientes em sofrimento, óbitos ocorrentes durante o turno, a demanda de serviços, a carga horária, turno de trabalho e principalmente a dupla jornada, que intensifica a carga mental do indivíduo e torna o profissional de enfermagem estressado. Trata-se de uma pesquisa descritiva, a qual apresenta como objetivo identificar os agentes estressores que afetam a qualidade de assistência dos profissionais de enfermagem ao público geral, entre os quais, alguns encontram-se na condição de dupla jornada de trabalho. O trabalho foi desenvolvido por meio de abordagem quantitativa, com coleta de dados realizada a partir de questionário elaborado com treze questões abertas e de múltipla escolha. Participaram da pesquisa cinquenta profissionais de enfermagem acima de 18 anos, de uma Instituição de Saúde, localizada no município de Ourinhos, estado de São Paulo. Os dados convergiram para os seguintes temas: idade, sexo, estado civil, área de atuação, se possuem dupla jornada de trabalho, algumas questões sobre o estresse ocasionado pelo trabalho, assim como seus sinais e sintomas. Concluiu-se que os principais agentes causadores do estresse responsáveis por atingir a qualidade da assistência, consiste em: sobrecarga de serviço pela falta de quantidade necessária de funcionários, a rigidez do horário, o autoritarismo de médicos com os enfermeiros, a falta de energia de alguns profissionais da equipe, a execução de tarefas monótonas, a desorganização do trabalho da equipe, a pressão exercida pelo tempo de trabalho, relações problemáticas de profissionais com pacientes e acompanhantes, a desmotivação pelos baixos salários e principalmente o excesso de trabalho aos quais se encontram em dupla jornada.

Palavras-chave: Estresse. Profissionais de Enfermagem. Excesso de Trabalho.

ABSTRACT

Stress consists of a factor responsible for causing problems to the health and to well-being of nursing professionals and consequently generates a deficit in the quality of care, and is a huge concern to area of occupational health. There are many contributing factors to stress in nursing professionals, as the daily relationship with patients suffering occurring deaths during the turn, the demand for services, workload, shift work and especially the double shift, which intensifies the load the individual's mental and makes the stressed nursing professional. This paper configures as a descriptive research, which has as objective to identify the stressors factors that affect the quality of care of nursing professionals to the general public, among which some worked double shifts. The work was developed through a quantitative approach with data collection conducted through a questionnaire drawn up with thirteen open and multiple choice questions. Fifty professionals were interviewed and considered as participants nurses over 18 years from a health facility, located in Ourinhos, São Paulo. The data converged on the following issues: age, sex, marital status, area of operation, if they have double shifts, some questions about the stress caused by work, as well as its signs and symptoms. It was concluded that the leading causes of stress responsible for reducing the quality of care, consisting of: amount lack of the service overhead required of staff, a tight schedule, the authoritarianism of doctors with nurses, lack of energy some team members, performing monotonous tasks, the disorganization of the team work, the pressure of the working time, problematic relations professionals with patients and caregivers, demotivation by low wages and mainly overwork to which they are double shifts.

Keywords: Stress. Nursing Professionals. Work Day Excess.

INTRODUÇÃO

O estresse em profissionais de enfermagem caracteriza-se como uma enorme preocupação na área de saúde ocupacional, no qual configura-se como um dos principais fatores que alteram o estado de saúde e bem-estar destes profissionais. O estresse pode acarretar doenças e causar prejuízos no desempenho de suas tarefas, assim como também influenciar na qualidade de vida destes indivíduos. (LIMA; MARLINIR et al., 2013)

O termo *stress*, inicialmente usado na área da saúde por Hans Selye, então estudante de medicina em 1926, foi utilizado para explicar as reações causadas por desequilíbrios emocionais, fisiológicos ou psicológicos originadas de fontes externas ou internas, que levam o indivíduo a sofrer estímulos estressores e um desgaste geral do organismo. (SANTOS, 2007 apud BANDEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Conforme Lipp Men (2000), entre os sinais e sintomas mais comuns estão: aumento de sudorese, tensão muscular, taquicardia, hipertensão, dores estomacais, ranger dos dentes (bruxismo), hiperatividade, mãos e pés frios, náuseas, ansiedade, angústia, insônia, dificuldades interpessoais, preocupação excessiva, dificuldade na concentração e de relaxar, tédio, depressão e hipersensibilidade emotiva.

De acordo com Paschoa; Zanei e Whitaker (2007), o hospital é um ambiente desgastante, o qual funciona como uma instituição composta por escalas de turnos entre os profissionais de enfermagem, pela necessidade da divisão das atividades durante 24 horas constantes e tal cenário, exige determinação e atuação do profissional nos finais de semana ou feriados. Estes submetem-se a carga mental excessiva de trabalho, que reduzem a participação das atividades pessoais, sociais, os lazeres, entre outras, sofrem prejuízos, fatos que tornam a atividade profissional em enorme desgaste físico e psicológico, devido ao acúmulo de serviços associados à sobrecarga de trabalho.

Para Vieira, Alves e Kamada (2007), os profissionais de enfermagem necessitam manter uma boa qualidade de vida, um equilíbrio nas tarefas do trabalho e em suas atividades pessoais, para que não interfiram nas ações do cuidado e adquiram melhores resultados na assistência prestada. Dessa forma, torna-se necessário que todo o profissional de enfermagem saiba alcançar a qualidade de vida e ter a compreensão sobre o que isso pode acarretar diante de sua atuação profissional.

A Qualidade de Vida, segundo Paschoa; Zanei e Whitaker (2007) visto pela Organização Mundial da Saúde, é “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. (PASCHOA; ZANEI; WHITAKER, 2007).

Entre os profissionais de enfermagem, muitos optam por buscar vários vínculos de trabalho, devido à situação econômica precária e aos baixos salários, insuficientes para manter uma boa qualidade de vida. Estes adotam dupla jornada de trabalho, com turnos diferentes, que exigem prudência em seus atos dentro do ambiente hospitalar e desta forma, surge como consequência o estresse. (LIMA, MARLINIR et al., 2013)

Conforme Proença (1998) apud Pafaro (2004), “o estresse significa pressão, insistência e estar estressado significa estar sob pressão ou estar sob ação de um determinado estímulo insistente”. Trata-se de um dos problemas que frequentemente mais atingem os profissionais de enfermagem que interferem na homeostase de seu organismo pelo fato de terem que enfrentar as grandes quantidades de tensões no dia a dia.

Os profissionais de enfermagem, cotidianamente trabalham com pessoas em sofrimento, entretanto vivenciam situações de estresse, problemas que muitas vezes não são solucionados de imediato e com facilidade. (DOMINGOS et al., 1996).

Há vários setores de trabalho para um profissional de enfermagem, num ambiente hospitalar e desta forma, ocorre variados graus de estresse aos quais pode submeter-se. Como exemplo, verifica-se que no Centro de Terapia Intensiva (CTI), denota-se uma rotina de trabalho mais acelerada, onde o clima permanentemente apreensivo pelas situações inesperadas de óbitos iminentes acaba por desenvolver um alto nível de estresse. (ROCHA; GLINA, 2000)

Ainda, segundo Ferreira (1985), outro fator contribuinte está relacionado ao turno de trabalho. As jornadas de trabalho noturnas podem desencadear sintomas como o desconforto e mal-estar e após as jornadas noturnas vem o sono diurno, que sofre várias perturbações na estrutura interna como também em sua duração.

Numa pesquisa feita por Cintra Hans Doner et al. (2009), evidenciaram em unidades críticas como: centro cirúrgico, pronto socorro e unidade de terapia intensiva, que a maioria dos profissionais de enfermagem são do sexo feminino e fazem plantão noturno, em turnos de 12 por 60 horas. Ressaltaram alterações no perfil emocional das enfermeiras ao decorrer do plantão, resultado do estresse próprio da atividade

assistencial. Sentimentos relacionados à nostalgia, comprometimento e alterações nas respostas da pesquisa do início comparado ao fim do plantão, foram notados e indicados consequência diretamente dos plantões.

De acordo com Pafaro e Martino (2004), as manifestações de estresse envolvem três fases: Estágio de Defesa ou Alarme, Fase de Resistência e Fase de Exaustão ou Esgotamento, denominado Síndrome de Adaptação Geral (SGA) descrito por Selye, considerado o pai da teoria biológica do *stress*.

No estágio de defesa ou alarme ocorre através do sistema nervoso central, um aumento da secreção do hormônio adrenocorticotrófico (ACTH) no organismo, por estímulos do hipotálamo que estimula a hipófise por perceberem a situação de tensão. As suprarrenais por estímulo do hormônio ACTH aumentam a produção de adrenalina e corticoides, como a cortisona, no qual reduz a resposta imune. No entanto, tais hormônios são sobretudo, essenciais, pois em conjunto com as reações do sistema nervoso central e outros componentes químicos, reagem na defesa do organismo contra o estresse, porém se forem interrompidos em sua produção podem causar doenças, gerando reações complexas como: aumento da produção de hormônios; alterações na respiração; aumento dos batimentos e frequências cardíacas; e os músculos ficam tensos. (LIMA, 2000 apud PAFARO; MARTINO, 2004).

Em fase de resistência o organismo adapta-se ao estressor, torna a atividade mais intensa em função do sistema parassimpático, assim como o efeito de reduzir a mobilização do corpo, pois este diminui o estado de alerta. Há um aumento da capacidade de resistência do organismo, devido ao estressor manter-se por um período duradouro. Os sinais vitais como a respiração, os batimentos cardíacos, a circulação e a pressão arterial estabilizam-se. Porém, se o estresse persistir o corpo passará a iniciar o estágio de exaustão, devido ao quadro de redução da resistência. Já na fase de exaustão ou esgotamento, os sintomas da fase de alerta voltam e fazem com que o organismo seja mais suscetível às doenças, que desencadeia tal mecanismo, que evolui para uma inaptidão a se adaptar e promover melhora desses agentes estressores. Assim, tais sintomatologias perduram por um longo período. Com o estresse acentuado, o esgotamento torna-se intenso e inevitável. (FURLAN, 1997 apud PAFARO; MARTINO, 2004).

Em virtude da relevância do assunto, Pafaro e Martino (2004), relatam que a exaustão configura-se como a perda do equilíbrio do organismo e está correlacionada

junto a uma série de doenças físicas e mentais, além de doenças cardíacas, que podem evoluir à morte súbita.

No entanto, nota-se que o profissional de enfermagem estressado corre o risco de sofrer pontos negativos em sua qualidade de assistência, pois realiza suas atividades com menor prontidão, trabalha em exaustão, tem maior probabilidade de ficar doente, torna-se ansioso, depressivo, distraído, muitas vezes desmotivado e com baixo estima. (BOLLER, 2003 apud LIMA, 2012)

Assim, as múltiplas tarefas assumidas por dois turnos, reduzem o tempo de lazer, de sono, potencializa o cansaço e conseqüentemente, gera o estresse. Outros fatores que também interferem e contribuem são: as exigências sofridas em excesso como manter uma organização, qualidade e quantidade das tarefas exercidas, pressão do tempo e o fato dos colegas de trabalho terem opiniões diferentes, o que muitas vezes gera conflitos. (MONTANHOLI; TAVARES; OLIVEIRA, 2006).

O objetivo deste trabalho concentrou em identificar os agentes estressores que afetam a qualidade de assistência dos profissionais de enfermagem ao público geral, entre os quais, alguns encontravam-se na condição de dupla jornada de trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa do tipo descritiva e com abordagem quantitativa. A pesquisa consistiu em uma coleta de dados através de questionários, com treze perguntas abertas e de múltipla escolha, com as seguintes questões: idade, sexo, estado civil, área de atuação, carga horário de serviço, se possuem dupla jornada de trabalho, algumas questões sobre o estresse ocasionado pelo trabalho, assim como seus sinais e sintomas. Foi aplicado individualmente aos profissionais de enfermagem acima de 18 anos, de uma Instituição de Saúde localizada no município de Ourinhos no período de abril a agosto de 2016.

Cada participante recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido, previamente aprovado por um Comitê de Ética, onde foi explicado o propósito da pesquisa e garantido que todo o procedimento seguiu os preceitos éticos preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Foram excluídos aqueles sujeitos que não concordaram ou que desistiram de participar da pesquisa.

Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da estatística descritiva e a análise gráfica dos dados foi feita por meio do software Minitab for Windows (1994).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme as Figuras 1 e 2 verifica-se que os Homens têm maior queixa de estarem estressados, onde entre um total de 50 entrevistados, observou-se que entre 15 homens entrevistados 11 (73,33%) declararam estarem com sensação de estresse.

Por outro lado, observou-se que entre as mulheres houve menor número de queixa de estresse, pois entre 35 profissionais de enfermagem do sexo feminino, somente 23 (65,71%) mulheres observadas declararam estar com sensação de encontrarem-se em condição de estresse.

Figura 1. Número (n) de Indivíduos conforme Padrão de Respostas quanto à sensação de estresse.

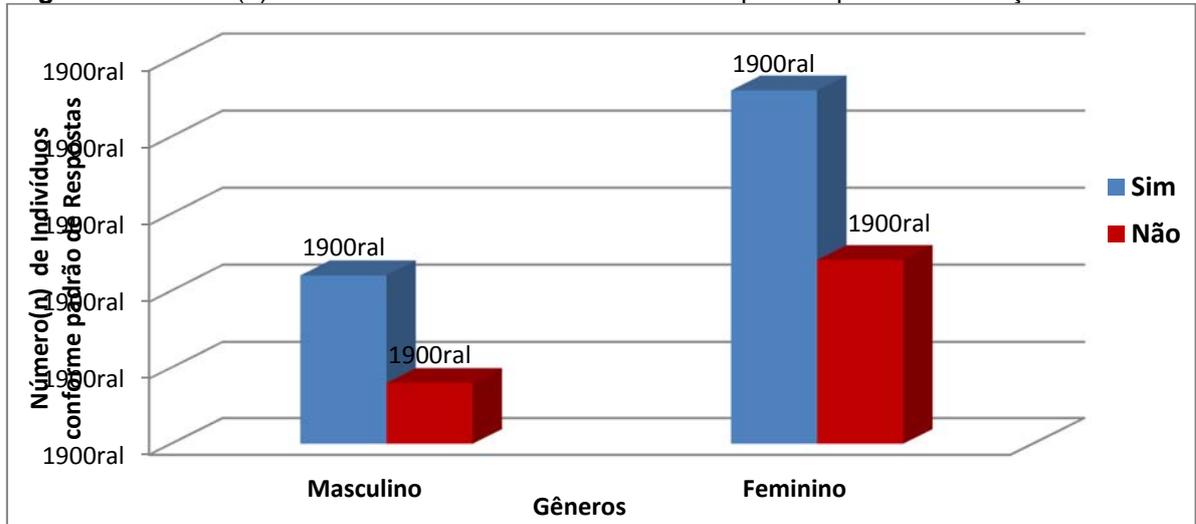
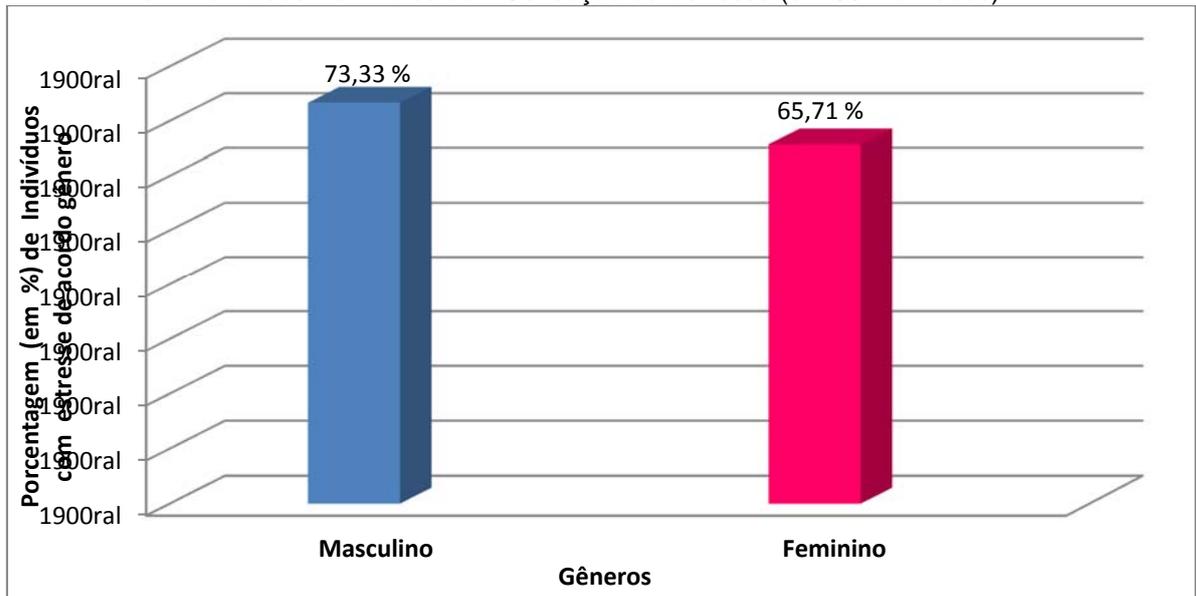
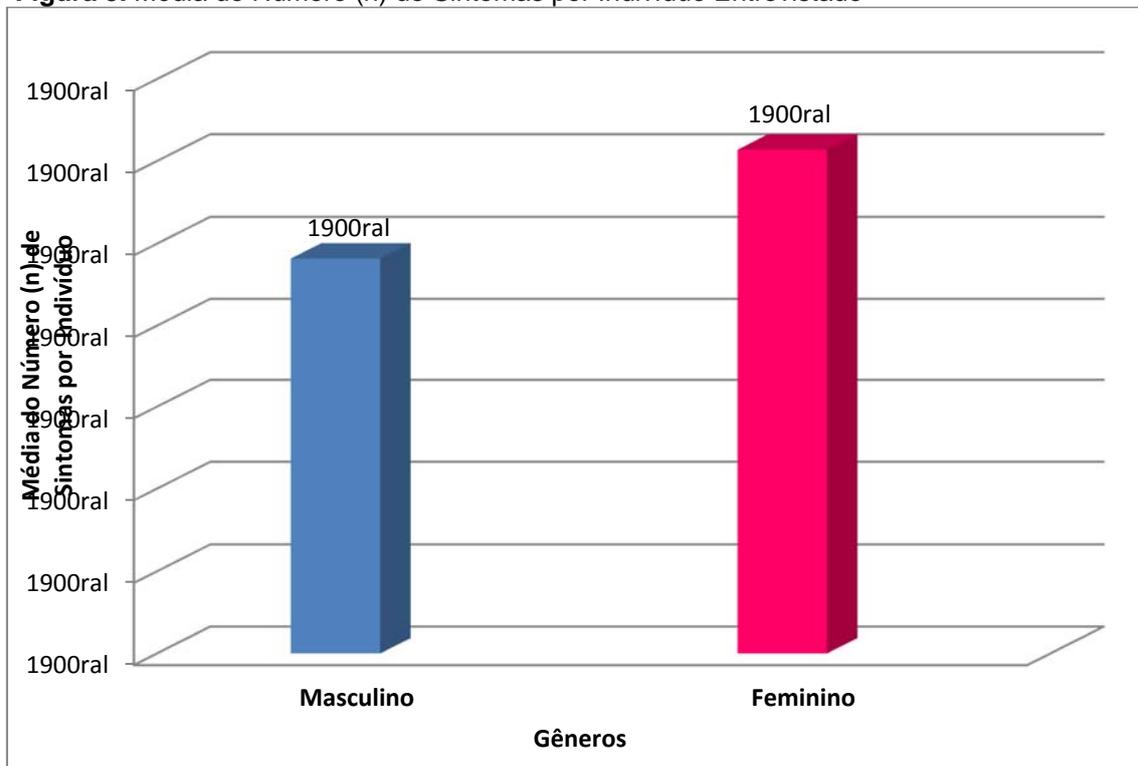


Figura 2. Porcentagem de Indivíduos Masculinos com Sensação de Estresse (em 15 indivíduos) e em Indivíduos Femininos com Sensação de Estresse (em 35 indivíduos).



Verificou-se também, conforme Figura 3, que entre os Profissionais de Enfermagem do sexo masculino houve uma média de 4,82 sintomas por indivíduo. Já as mulheres mostraram-se mais sensíveis, visto que observou-se uma média de 6,14 sintomas por indivíduo.

Figura 3. Média do Número (n) de Sintomas por Indivíduo Entrevistado



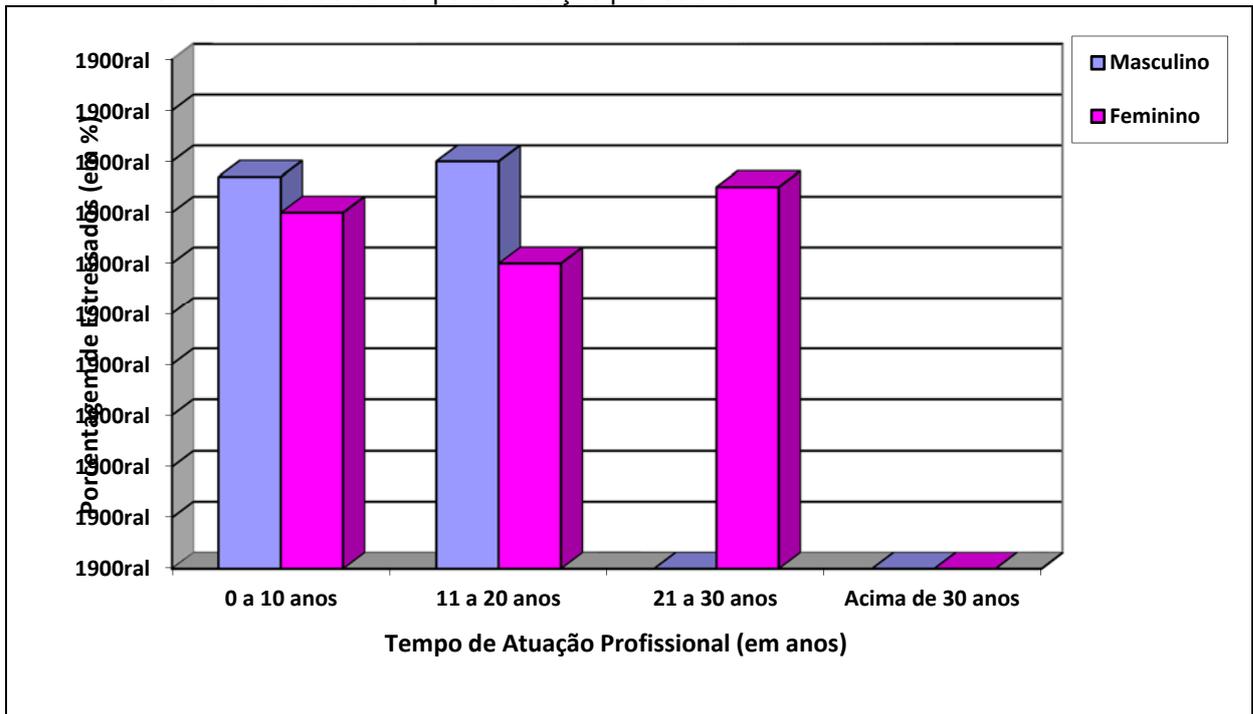
O resultado obtido por meio desta pesquisa realizada com os profissionais de enfermagem revelou que o estresse atinge grande parte desses profissionais, independentemente do tempo em que cada um trabalha. Também mostra-se como um fator predominante no ambiente hospitalar, onde o maior número dos profissionais participantes da pesquisa foi do sexo feminino. Tal fato aponta que há maior atuação de profissionais mulheres no exercício da enfermagem e que ambos, tanto profissional feminino, quanto masculino sofrem hoje com esse problema de saúde ocupacional, visto que há maior susceptibilidade de estresse nos profissionais do sexo feminino.

Conforme notado na Figura 4, houve uma maior proporção (em %) de profissionais de enfermagem com níveis de estresse nas faixas etárias mais jovens, entre 0 a 10 anos de atuação profissional e até 11 a 20 anos, embora tenha sido observada também uma grande proporção em mulheres de 21 a 30 anos de atuação. Acima de 30 anos, não foi verificado nenhum indivíduo com queixa de estresse. Tal fato corrobora com Souza e Silva (2002), autores que observaram níveis mais acentuados de estresse em faixas etárias mais jovens de profissão, devido a pouca experiência e insegurança de seus conhecimentos na relação ao cuidado com os pacientes.

Alguns autores relatam que, após a estabilização profissional obtida após alguns anos de atuação, o profissional passa a atuar em horários reduzidos, com menor carga horária semanal. Tal condição proporciona ao profissional menor carga de estresse, e assim menor risco de desenvolvimento de Síndrome de *Burnout*.

Destarte, em alguns casos, o estresse ocupacional não tratado pode levar os profissionais de enfermagem a desenvolverem esta Síndrome, no qual caracteriza-se por um conjunto de sinais físicos e psicológicos, que reflete diretamente no desempenho do trabalhador em seu local de trabalho, em que o profissional perde o sentido da sua relação com o trabalho e acaba por desenvolver-se sentimento de fracasso e exaustão. Enquanto o estresse refere-se ao esgotamento pessoal que interfere na vida do indivíduo. (MASLACH; JACKSON, 1981 apud MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

Figura 4. Porcentagem (em %) de Indivíduos Masculinos e Femininos com Sensação de Estresse, conforme faixas de tempo de atuação profissional.

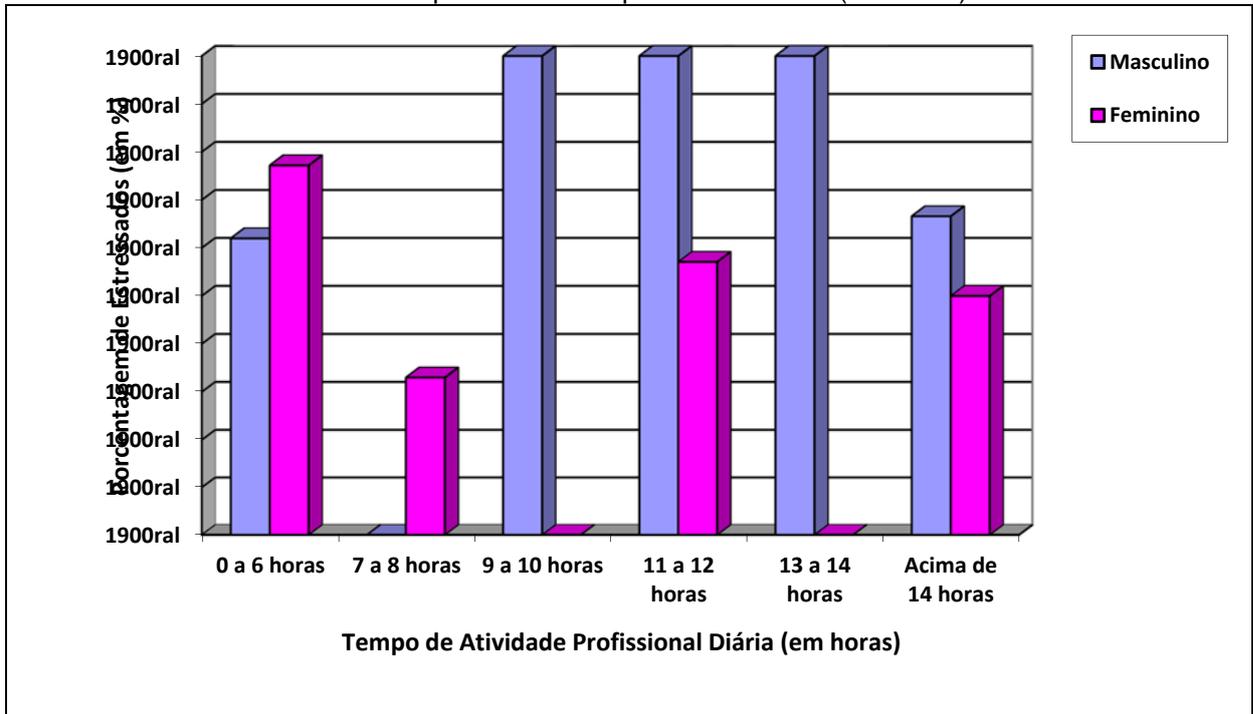


Observou-se a partir da Figura 5, que os profissionais que atuam em jornadas de trabalho mais longa, entre 9 a 14 horas de trabalho e acima de 14 horas, tende consequentemente a desenvolverem níveis mais elevados de estresse.

Ainda, conforme Souza e Silva (2002), os baixos salários têm influenciado os profissionais a buscarem jornadas de trabalho em excesso e mais de um vínculo empregatício.

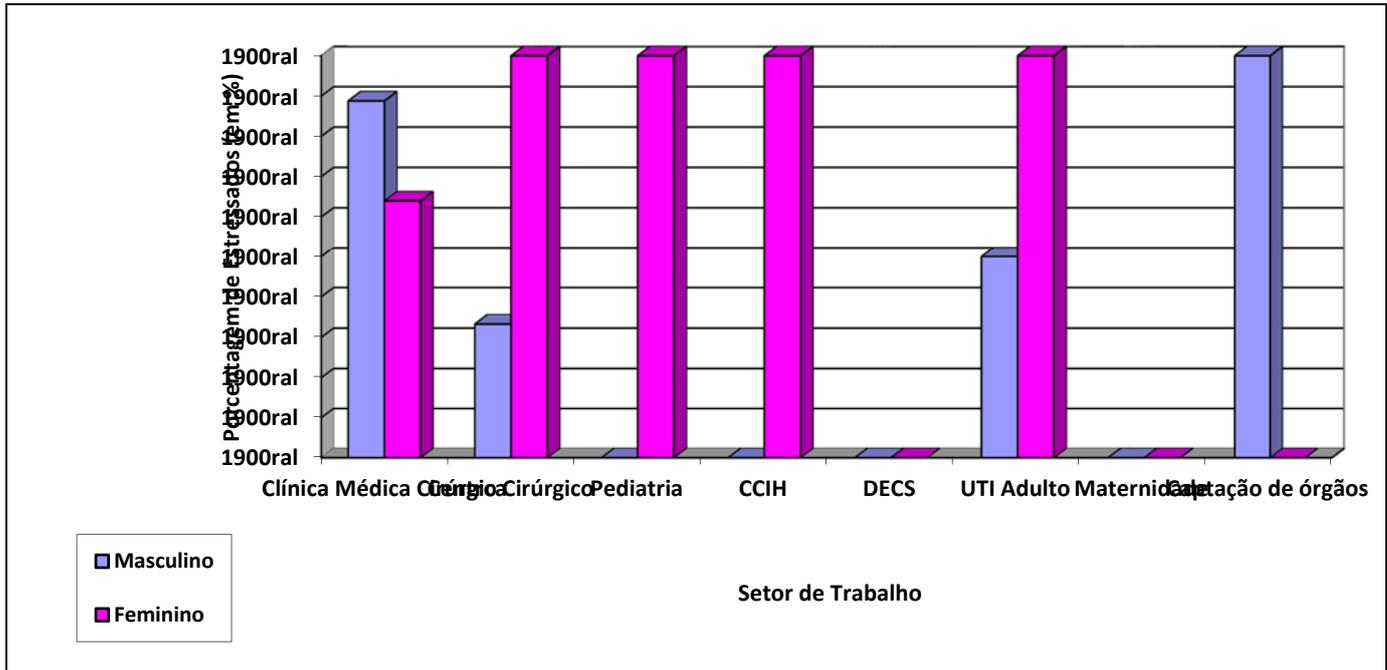
Conforme pode ser verificado na Figura 6, houve uma grande variabilidade entre os indivíduos que sentem-se estressados quando comparados entre os diferentes setores. Assim, denotou-se que houve um maior índice de indivíduos estressados no setor de Clínica Médica Cirúrgica, por centralizar-se mais profissionais de enfermagem, devido à quantidade elevada de pacientes que necessitam de atendimento e consequentemente, exige-se um ritmo de trabalho mais acelerado.

Figura 5. Porcentagem (em %) de Indivíduos Masculinos e Femininos com Sensação de Estresse, conforme faixas de tempo de atividade profissional diária (em horas).



Assim como, também foi notado um maior índice na Unidade de Terapia Intensiva, por atender pacientes críticos, os quais requerem serviços prestados de alta complexidade e concomitantemente, uma assistência contínua, configura-se o setor no qual o profissional de enfermagem vivencia maiores intensidades quanto às situações de angústias, sofrimentos, tensões e mortes.

Figura 6. Porcentagem (em %) de Indivíduos Masculinos e Femininos com Sensação de Estresse, conforme Setor de Trabalho

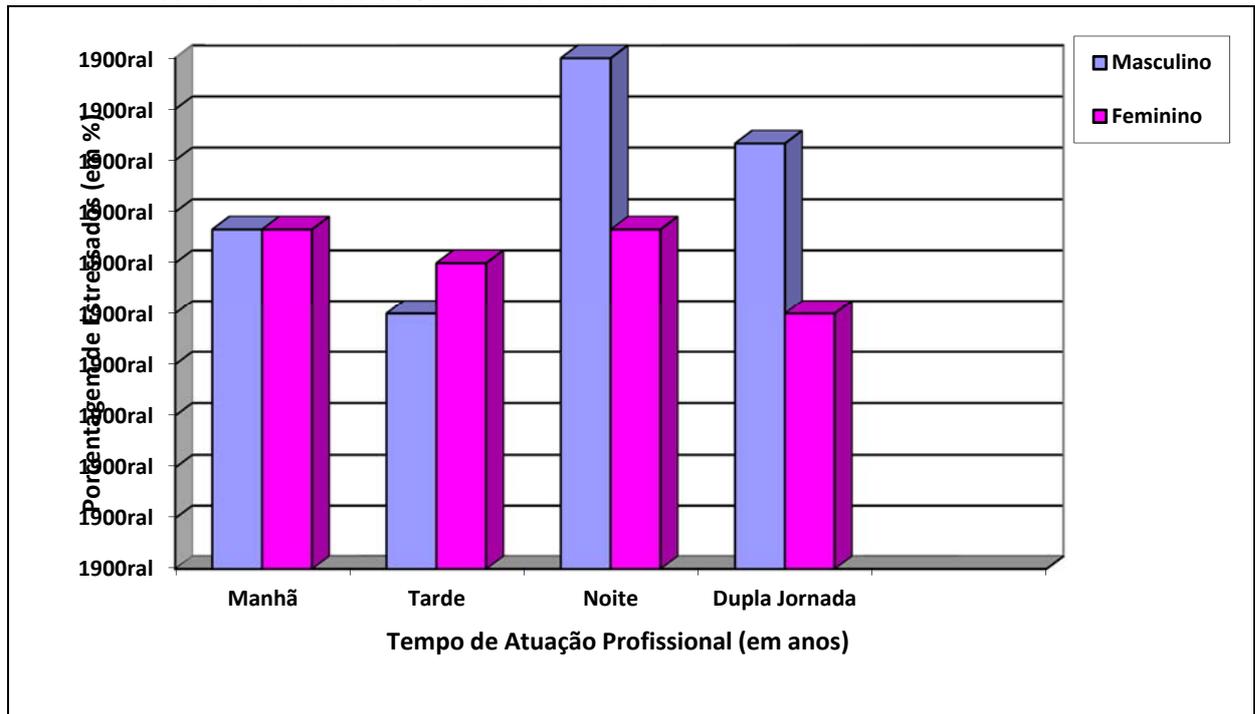


Conforme Figura 7, percebe-se que houve diferença na relação de profissionais que sentem-se estressados, quando considerados seus turnos de trabalho. Observou-se acentuados níveis de estresse em todos os turnos, no entanto evidenciou-se também, que aqueles os quais exercem suas funções no período noturno e em dupla jornada de trabalho, constata-se maior intensidade em seus níveis de estresse.

Tais resultados estão de acordo com Neves et al. (2010), que evidenciaram através de um estudo realizado com profissionais que trabalham no período noturno, que o ritmo de vida desses indivíduos torna-se inconciliável com as outras pessoas, inclusive em relação à família.

Ainda afirmam que tais profissionais possuem maior desgaste psicofisiológico em comparação com os que trabalham no período diurno, pois trabalham no horário em que suas funções encontram-se diminuídas. (NEVES et al., 2010)

Figura 7. Porcentagem (em %) de Indivíduos Masculinos e Femininos com Sensação de Estresse, conforme Período de Jornada de Trabalho



Conforme a classificação dada por *Health Education Authority*, a enfermagem se enquadra na quarta profissão mais estressante no setor público e busca ainda, profissionalmente, distinguir-se para obter reconhecimento social pelo qual até hoje é desvalorizada, sofre com a baixa remuneração e falta de autonomia. (MUROFUSES; ABRANSHES; NAPOLEÃO, 2005).

Faz-se notório saber que na rede pública ou privada dos serviços de saúde, os profissionais de enfermagem, devido ao sistema capitalista, são forçados a acumular cada vez mais funções e serviços frente à alta demanda e falta de contratação do número de profissionais necessários ao atendimento adequado, como também uma ocupação continuada com outros aspectos que vai além do cuidar como, por exemplo, a organização e planejamento das ações de enfermagem e das organizações hospitalares. (SPINDOLA; SANTOS, 2005).

Destarte, em alguns casos, o estresse ocupacional não tratado pode levar os profissionais de enfermagem a desenvolverem a *Síndrome de Burnout*, no qual é uma síndrome caracterizada por um conjunto de sinais físicos e psicológicos, que reflete diretamente no desempenho do trabalhador em seu local de trabalho, em que o profissional perde o sentido da sua relação com o trabalho e acaba por desenvolver-se sentimento de fracasso e exaustão. Enquanto o estresse refere-se ao esgotamento

pessoal que interfere na vida do indivíduo. (MASLACH; JACKSON, 1981 apud MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

CONCLUSÕES

Conclui-se que, os principais agentes causadores do estresse, responsáveis por atingir a qualidade da assistência, consiste em: sobrecarga de serviço pela falta de quantidade necessária de funcionários, a rigidez do horário, o autoritarismo de médicos com os enfermeiros, a falta de energia de alguns profissionais da equipe, a execução de tarefas monótonas, a desorganização do trabalho da equipe, a pressão exercida pelo tempo de trabalho, relações problemáticas de profissionais com pacientes e acompanhantes, a desmotivação pelos baixos salários e principalmente o excesso de trabalho aos quais se encontram em dupla jornada, pois muito destes profissionais revelaram-se ter sono reduzido e não conseguir conciliar os turnos de trabalho com o lazer. Isso tudo não garantem a saúde, o bem-estar e a segurança desses profissionais.

Ainda que o exercício da enfermagem exija boa saúde física e mental e uma boa qualidade na assistência prestada pelos enfermeiros, ficou claro diante desta pesquisa, na qual foi percebido o contrário, onde foi observado que tais profissionais sofrem por um sistema capitalista, frente a um processo administrativo taylorista, onde exige-se trabalharem mais e receberem pouco, isso explica então o índice elevado de estresse relacionado ao excesso de jornada de trabalho.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Maria; OLIVEIRA, Adriana. O estresse em profissionais da enfermagem: análise bibliográfica sobre a temática. **ANAIS...** XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, n. XIV, X, Vale do Paraíba, Rio de Janeiro, 2010.

CINTRA, Hans et al. Fatores que prejudicam o trabalho do enfermeiro que atua em hospital. **ANAIS...** Seminário Internacional “Experiências de Agendas 21: Os Desafios do Nosso Tempo”. Ponta Grossa, 2009.

DOMINGOS, Neide et al. Estresse em funcionários de um Hospital Escola. **HB Científica**, São José do Rio Preto, v. 3, n. 1, p. 4-7, 1996.

FERREIRA, Leda Leal. Sono de trabalhadores em turnos alternantes. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 13, n. 51, p. 25-27, 1985.

LIMA, Graziana. **Implicações da jornada de trabalho na qualidade de vida do Enfermeiro em Unidade de Emergência**. 14 f. Monografia (Curso de Pós-Graduação) - Faculdade Redentor, Cabo Frio, Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, Marlinir et al. Agentes estressores em trabalhadores de enfermagem com dupla ou mais jornada de trabalho. **Revista Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3259-3266, 2013.

LIPP, Marilda. **O stress está dentro de você**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTANHOLI, Liciane; TAVARES, Darlene; OLIVEIRA, Gabriela. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília-DF, v.59, n. 5, p. 661-665, 2006.

MUROFUSE, NT et al. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. **Revista Lationam Enferm**. V.4. n. 21, 255-261, 2005.

PAFARO, Roberta; DE MARTINO, Milva. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 152-160, 2004.

PASCHOA, Simone; ZANEI, Suely; WHITAKER, Iveth. Qualidade de vida dos trabalhadores de enfermagem em unidade de terapia intensiva. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 305- 310, 2007.

ROCHA, Lys Esther; GLINA, Debora Minam Raab. Distúrbios Psíquicos relacionados ao trabalho. In: **Saúde do Trabalho**, São Paulo: Roca, 2000.

SPINDOLA, T. SANTOS, R.S. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Rev. Bras. Enferm**. Brasília-DF, v.58, n.2, p.156-160, 2005.

SOUZA, W.C; SILVA, A.M.M. A influência de fatores de personalidade e de organização do trabalho no Burnout em profissionais de saúde. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 19, n. 1, p. 37-48, 2002.

VIEIRA, Ana Beatriz; ALVES, Elioenaj; KAMADA, Ivone. Cuidando do cuidador: Percepções e concepções de auxiliares de enfermagem acerca do cuidado de si. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 15-25, 2007.